

uma disciplina amplamente interdisciplinar, cremos que como introdução aos temas e às principais questões envolvidas a obra *Ecoanimal* se presta como um guia excelente.

Tiago Carvalho
tbmcarvalho@yahoo.com

Victor K. Mendes e Patrícia Vieira (editores), *Portuguese Literature and the Environment*, Lanham-Boulder-New York-London: Lexington Books, 2019, 227 pp.

O interesse pelos assuntos portugueses nos EUA está muito longe da irrelevância de que alguns de nós, mesmo nos meios académicos, imaginam ou até sustentam. Quem visite o extraordinário espólio bibliográfico ao serviço dos estudos portugueses em Bloomington, um dos núcleos da Universidade de Indiana, construído em torno do legado de Charles Boxer, facilmente perceberá a validade desta afirmação. Recordemo-nos, ainda, dos ensaios notáveis de Kenneth Maxwell sobre o mercantilismo português, e a acção política do Marquês de Pombal, ou o importantíssimo contributo de William J. Simon para resgatar do esquecimento as longas e aventurosas viagens dos naturalistas portuguesas pelas sete partidas do Império, sob o impulso da Academia das Ciências de Lisboa, a partir de 1783, durante o reinado de D. Maria I. Não pode ser ignorado, contudo, que uma parte significativa do interesse pela cultura nacional e de expressão portuguesa se deve ao empenho de cidadãos portugueses radicados nos EUA, envolvidos na diáspora académica, como foi o caso de Jorge de Sena, ou o é ainda o de Onésimo Teotónio de Almeida. Penso que a obra que aqui se apresenta, combina um pouco dessas duas vertentes que alimentam os estudos lusófonos na federação norte-americana. Refiro-me à publicação pela prestigiada Lexington Books duma obra dedicada a divulgar (e estimular) investigação internacional sobre os modos de representação dos temas ambientais na literatura e no pensamento nacionais: *Portuguese Literature and the Environment*.

O projecto é da responsabilidade editorial de Victor K. Mendes (Universidade de Massachusetts Dartmouth) e de Patrícia Vieira (Universidade de Georgetown), a quem cabe também, além do seu capítulo,

a autoria de uma esclarecedora e panorâmica introdução à obra. O livro contém doze capítulos, distribuídos por três secções. Os quatro capítulos da primeira secção tratam da temática ambiental na cultura portuguesa em sentido largo. O autor desta recensão (Universidade de Lisboa), no 1.º capítulo, identifica algumas das linhas de força, teórico-práticas, presentes em dois séculos de aproximação lusa ao que hoje designamos por crise ambiental. No 2.º cap., Adriana Veríssimo Serrão (Universidade de Lisboa) debruça-se sobre a relevância dos conceitos de ambiente, natureza e paisagem – com destaque para a arquitectura paisagista – no quadro histórico global de fragmentação das representações da natureza. No 3.º cap., a historiadora da Universidade do Porto, Inês Amorim, desenvolve uma reflexão sobre uma das áreas inovadoras de investigação em que ela própria é pioneira no nosso país: a história ambiental (*environmental history*). Encerrando esta secção, Michael Marder (Universidades do Paí Basco e Diego Morales, Chile) analisa, no 4.º cap., o modo como Camões n’*Os Lusíadas*, e Saramago n’*A Jangada de Pedra* representam o lugar de encruzilhada de Portugal na interacção dos grandes elementos cósmicos.

A segunda e terceira secções estão organizadas historicamente tendo o ano de 1900 como data de chegada da segunda, e de partida, da terceira e última. Vincent Barletta (Universidade de Stanford), no 5.º cap., mergulha na medieval poesia galaico-portuguesa, enquanto Maria João Dodman (Universidade de York, Toronto) analisa (no 6.º cap.) três textos fundamentais para compreender as percepções do Brasil no Portugal Quinhentista. Estela Vieira (Universidade de Indiana, Bloomington), no 7.º cap., oferece-nos um estudo sobre as lições da Natureza, e os perigos de as ignorarmos, na obra de Júlio Dinis. Por sua vez, no 8.º cap., Kathryn Bishop-Sanchez (Universidade de Wisconsin-Madison), reflecte numa perspectiva ecofeminista sobre a obra mais “ecológica” de Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*. Iniciando a terceira e derradeira secção, Isabel A. Ferreira Gould (doutorada pela Universidade de Brown) segue o fio das memórias de caça grossa de João Teixeira de Vasconcelos, irmão de Teixeira de Pascoaes, estabelecendo ligações pertinentes entre a predação da fauna e a visão imperial do território e da ecologia africanas. No 10.º cap., Victor K. Mendes encontra elementos para uma crítica do antropocentrismo n’*O Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa. No 11.º cap., Patrícia Vieira, aborda a obra poética de Sophia de Mello Breyner, e o modo como a natureza se assume como protagonista, no quadro do que se poderia designar como um “materialismo vital”. A encerrar o livro, Adriana Martins (Universidade Católica de Lisboa), estuda as representações do ambiente na obra de José Saramago.

Esta brevíssima recensão, necessariamente estenográfica, não pode deixar de saudar o esforço digno de justo aplauso dos editores e autores envolvidos nesta iniciativa. Eles fizeram a sua parte. Possa este livro sobre representações do ambiente na cultura portuguesa chegar aos seus potenciais leitores, localizados nessa geografia planetária que é a do auditório universal da língua inglesa.

Viriato Soromenho-Marques
viriatosmarques@netcabo.pt